

O diretor da colônia e a colonização: a atuação de Hermann Faulhaber no Sul do Brasil

The director of the colony and colonization: the work of Hermann Faulhaber in southern Brazil

Rosane Marcia Neumann*

Resumo

O objeto de análise desse artigo é o diretor da colônia particular, esse sujeito histórico responsável pela administração do núcleo colonial, o representante direto da empresa de colonização, e o intermediário entre esta, os colonos e o Estado. A habilidade pessoal e o empreendedorismo do diretor extrapolavam os limites da colônia, representando seu nome, em alguns casos, o próprio projeto de colonização. Em escala de análise reduzida, nominal e atrelada às redes sociais, o estudo empírico analisa a trajetória de Hermann Faulhaber e seu projeto em prol da manutenção da germanidade, diretor das colônias da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, no noroeste rio-grandense, entre 1908 e 1926, e sócio-gerente da Empresa Chapecó-Pepery Ltda., e seu empreendimento colonial no oeste catarinense, entre 1919 e 1926.

Palavra-chave: Colonização; Diretor da colônia; Hermann Faulhaber.

Abstract

The object of analysis of this article is the director of the particular colony, that historical subject responsible for the administration of the colonial nucleus, the direct representative of the colonization company, and the intermediary between this, the colonists and the State. The director's personal ability and entrepreneurship extrapolated the boundaries of the colony, with the name of the colonization project in some cases. In a reduced scale, nominal and linked to social networks, the empirical study analyzes the trajectory of Hermann Faulhaber and his project for the maintenance of Germanity, director of the colonies of the Colonization Company Dr. Herrmann Meyer, in the northwest of Rio Grande do Sul, between 1908 and 1926, and managing partner of Chapecó-Pepery Company, and his colonial enterprise in the west of Santa Catarina between 1919 and 1926.

Key words: Colonization; Director of the colony; Hermann Faulhaber

*Doutora em História pela PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. E-mail: rosaneneumann@gmail.com

A colônia e seu diretor

A imigração e colonização do século XIX até meados do século XX originou no sul do Brasil uma estrutura organizacional própria e peculiar: a colônia (*Kolonie*). Já seus habitantes, por extensão, foram denominados de colonos (*Kolonist*), identidade comum que adotaram, sem distinção étnica. Gradualmente, o termo colono passou a abranger todos os habitantes da colônia e o seu modo de vida, baseado na pequena propriedade agrícola, o trabalho familiar, a produção de subsistência com a venda dos excedentes ao mercado; paralelo a pequenas oficinas artesanais que empregavam os profissionais de ofício; a casa de comércio ou “venda”; e no centro da sede da colônia, a casa ou barracão do imigrante, a igreja, a escola, o cemitério e, por vezes, o salão de baile, a casa pastoral ou paroquial, e a casa do diretor.¹

No romance *A colônia: cenas da vida no Brasil*, escrito pelo alemão Friedrich Gerstäcker, publicado na Alemanha em 1862, essa estrutura foi descrita pelos seus personagens em um breve diálogo sobre a colônia Santa Clara – mas poderia ser perfeitamente a colônia São Leopoldo (1824), Neu-Württemberg (1898) ou Porto Feliz (1922):

“Ao diretor”, disse Günther, [...] Precisamos perguntar, na próxima casa, onde fica a residência dele”.

“Isso não é necessário, disse seu amigo, “a casa lá em cima, na qual balança a bandeira alemã, é, sem dúvida, a estalagem; o prédio grande ao lado deve ser a igreja – onde o alemão não constrói uma ao lado da outra? Além disso, na direção sul há apenas uma casa bem grande com um cercado novo e lá mora certamente o diretor. É para lá que devemos cavalgar.”

“Talvez você tenha razão”, riu Günther, “mas talvez ele more ali, naquele simpático prédio, cercado por laranjeiras. Eu certamente teria escolhido aquele lugar para morar.”

“Aquela é com certeza a casa paroquial”, garantiu seu companheiro; “você não está vendo o caminho claramente percorrido dali até a igreja? Não creio que o diretor tenha deixado essas marcas no caminho até a igreja. É melhor você me seguir, eu o guiarei até lá.”²

O diretor: este é o personagem central da colônia, responsável pela sua administração e o intermediário direto entre os colonos e o governo, nas colônias públicas; e nas colônias particulares, entre os colonos e a empresa de colonização; os colonos e o representante da colonizadora frente ao Estado; e, em se tratando de imigrantes, o consulado. Cabe ainda ao diretor organizar o

¹ Cf. MOTTA, Márcia (Coord.). *Dicionário da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

² GERSTÄCKER, Friedrich. *A Colônia. Cenas da Vida no Brasil*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2016, p. 29.

cotidiano da colônia, resolver as pendências com/e entre os colonos, apaziguar conflitos familiares, atritos entre vizinhos; resolver questões de divisas e medições das terras, negociar dívidas, responder processos judiciais; contratar ou demitir pastor, padre, professor, médico, agrimensor; equilibrar os interesses da empresa de colonização ou do Estado com as demandas dos colonos.³ Enfim, as tarefas atribuídas ao diretor eram múltiplas mas, em síntese, consistiam em manter e restabelecer a ordem, visando o bom andamento da implantação da colônia e o seu desenvolvimento.

Ocupar a função de diretor, por outro lado, representava *status* social, pois lhe concedia uma posição de poder, ampliava os seus espaços de circulação e suas redes sociais. Conhecer as leis, os contratos de compra e venda de terras, intermediar a venda da produção, negociar com as autoridades governamentais, colocava-o em uma situação chave na colônia. O prestígio e as redes sociais tecidas extrapolavam os limites da colônia, e o nome do diretor tornava-se a referência ou mesmo nomeava o projeto da colônia.

O diretor e seu papel na colônia ainda é uma temática pouco tratada pela historiografia. Nos estudos gerais, o diretor é apresentado como mais um sujeito na colônia, por vezes, enaltecido, outras, apontado como o responsável pelos problemas da colônia e dos colonos e, outras ainda, como um elemento corrupto, que desvia recursos, realiza a venda de terras sem documentação, atrasa a medição dos lotes, superfatura transações de terras, dentre outros.⁴

³ Não há um documento específico sobre as atribuições do diretor da colônia, até mesmo porque o perfil das colônias era variável. Entretanto, nas colônias públicas, no ato de nomeação do diretor ou funcionário responsável, eram explicitadas as suas funções, que goso modo, seguiam a linha apontada. Nas colônias particulares, o contrato assinado entre as partes também definia suas responsabilidades.

⁴ Os estudos historiográficos sobre a imigração e colonização mencionam os diretores das colônias, mas não aprofundam a discussão, como é o caso, por exemplo, da obra de Aurélio Porto, Jean Roche, Ferdinand Schröder, Maria T. S. Petrone, Ernst Wagemann (PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Est. Graf. S. Terezinha, 1934; ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.; SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil até o ano de 1859*. 2. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: EDPUCRS, 2003; PETRONE, Maria Theresa Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)*. São Paulo: Brasiliense, 1982; WAGEMANN, Ernst. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.). Dentre os estudos, o mais críticos, que analisam a formação da colônia e seus conflitos sociais, mediados pela atuação do diretor, está o trabalho de Marcos J. Tramontini. Por sua vez, João Araújo analisa a estrutura, os conflitos e os personagens da colônia Nova Friburgo, no Rio de Janeiro (TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes*. A colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003; ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)*. Niterói (RJ), 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, UFF, 2003). Outros estudos, como memórias, trazem elementos importantes para análise do perfil e papel do diretor, como os escritos de Pe. Lassberg, SJ e Pe. Rick, SJ (LASSBERG, Max von. *Reminiscências*. Trad. e apresent. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002; RAMBO, Arthur B.; RABUSKE, Arthur (Ed.). *Pe. João Evangelista Rick, SJ, cientista, colonizador, apóstolo social, professor*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004). Já os escritos de memorialistas, especialmente quando tratam da história dos municípios originários de colônias, costumam enaltecer os fundadores das colônias e os

Entende-se a atuação do diretor da colônia no seu espaço e tempo, atrelado a uma rede de interesses diversos. Giovanni Levi lembra que “durante a vida de cada um aparecem, ciclicamente, problemas, incertezas, escolhas, enfim, uma política da vida cotidiana cujo centro é a utilização estratégica das normas sociais”.⁵ Igualmente, para compreender suas ações e atitudes, é preciso conhecer as suas redes sociais. Para Roger Chartier, é necessário “reconstruir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem”.⁶

No no Rio Grande do Sul, no incício do século XIX, o diretor da colônia pública de São Leopoldo, Johann Daniel Hillebrand, nascido em Hamburgo, Alemanha, em 1795, militar e médico, foi controverso e ficou conhecido pelo seu envolvimento político e sua relação com os imigrantes/colonos, bem como sua posição frente ao Estado. Faleceu em São Leopoldo, em 1880⁷. Tratando-se de colônias particulares, no mesmo contexto, o imigrante Jacob Rheingantz, nascido em 10 de agosto de 1817, em Sponheim, região da Prússia Rhenana, Alemanha, comerciante em Rio Grande, fundou em 1858 a colônia de São Lourenço, em Pelotas, atuando como colonizador e diretor. O empreendimento sob sua direção foi marcado por contestação de sua autoridade, dificuldades financeiras e conflitos com os imigrantes, que alegavam descumprimento dos contratos, medições errôneas, bem como queixavam-se das condições precárias da colônia e das arbitrariedades cometidas pela direção.⁸ Rheingantz foi um modelo de empreendimento onde o colonizador e o diretor se confundiam, havendo contato direto com os imigrantes e colonos. Faleceu em 15 de julho de 1877, em Hamburgo, Alemanha.

Já no século XX, destacaram-se diretores contratados para gerenciar empresas de colonização e colônias particulares. O engenheiro civil Karl Culmey, nascido em 1879, em Neuwied, na Rhenania, Alemanha, imigrou no Brasil em 1902 e acompanhou o padre jesuíta Max von Lassberg na fundação da colônia Serro Azul (Cerro Largo) no mesmo ano, e Santo Cristo, ambas

seus diretores. Nesse quasito, há inúmeras publicações.

⁵ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 45.

⁶ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, 2002, p. 84.

⁷ Ver: Marcos Justo Tramontini, op. cit. ; Jean Roche, op. cit.

⁸ IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história*. Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

no noroeste do Rio Grande do Sul, e a partir de 1919, as colônias Puerto Rico e Monte Carlo em Misiones, na Argentina. A partir de 1926, foi diretor da Companhia Territorial Sul Brasil, que colonizou um extenso complexo colonial no oeste de Santa Catarina, garantindo com seu nome credibilidade ao projeto. Faleceu tragicamente em 1939, no rio Uruguai, no oeste de Santa Catarina.⁹

Outro exemplo, com perfil e trajetória peculiar no mesmo período foi o imigrante alemão Hermann Faulhaber, cujo nome representava uma concepção de projeto de colonização modelo, conhecido e reconhecido em todo Estado.

Hermann Faulhaber: de pastor a diretor

Na Alemanha, o final do século XIX foi marcado por um discurso colonialista, implementado por meio da atuação de instituições diversas, com os olhos voltados à formação de colônias na África. Paralelo a esse movimento, partilhando do mesmo entusiasmo, indivíduos e grupos capitalistas buscavam espaço para aplicar capital de forma lucrativa. Nesse cenário, encontrava-se o jovem sócio e herdeiro do Instituto Bibliográfico de Leipzig, Dr. Herrmann Meyer, que ao realizar viagem de estudo ao Xingu, no Mato Grosso, foi atraído e convencido pelo guia da expedição e também colono, Carlos Dhein, da possibilidade de investir capital no comércio de compra e venda de terras no norte do Rio Grande do Sul.¹⁰

Avaliado o custo/benefício e os riscos, o Dr. Meyer optou por aplicar capital nesse ramo de empreendimento. Em 16 de setembro de 1897 passou uma procuração para Carlos Dhein, investindo-o de plenos poderes para comprar e vender terras em seu nome. Logo em seguida, formalizou a sociedade entre ambos, com a assinatura de um contrato em três de novembro de 1898, criando a Firma Herrmann Meyer, com sede em Porto Alegre, definindo e delimitando os papéis sociais de cada um. A empresa destinava-se exclusivamente ao comércio de compra e venda de terras no Estado do Rio Grande do Sul. A ausência de um projeto de colonização, o elevado investimento e as divergências entre o colonizador idealista e o colono rio-grandense, que

⁹ NEUMANN, Rosane Marcia. *Uma Alemanha em miniatura*. O projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016; HERWIG, Tutz Culmey. *Die Tochter des Pioniers*. São Leopoldo: Rotermund; Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1984.

¹⁰ A trajetória do Dr. Herrmann Meyer e seu projeto de colonização é o objeto de estudo central da obra NEUMANN, op. cit..

buscava priorizar as demandas dos colonos, levaram à dissolução formal da sociedade em seis de novembro de 1900.¹¹

Todavia, essa crise serviu para Meyer rever o perfil do empreendimento, e elaborar um plano de colonização. Assim, em cinco de janeiro de 1901, oficializou a continuação do projeto de colonização, sob a razão social *Kolonisations- Unternehmen Dr. Herrmann Meyer* (Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer), com sede em Leipzig, na Alemanha, e ele próprio como único proprietário, concentrando a direção geral e o controle financeiro. Para representar a Colonizadora Meyer no Rio Grande do Sul, foi nomeado um procurador, mantendo o escritório até 1904 em Porto Alegre, quando foi transferido para a sede da colônia Neu-Württemberg, em Cruz Alta, onde permaneceu até o encerramento de suas atividades, em 1932, e a posterior liquidação dos bens do inventário de Meyer e seus herdeiros. O complexo colonial, de área descontínua, foi instalado no limite entre os municípios de Cruz Alta (colônia Neu-Württemberg, 1898 – hoje município de Panambi e Condor) e Palmeira (colônia Xingu, 1897 – hoje município de Novo Xingu), na região noroeste do Estado.

Na Alemanha, a propaganda e as notícias sobre o projeto de colonização em formação no sul do Brasil circulavam nos meios colonialistas e nas entidades voltadas aos emigrantes alemães no exterior. Transitando nesse meio, recém-formado, o jovem pastor protestante Hermann Faulhaber ofereceu-se espontaneamente para emigrar e, nessa condição, foi apresentado ao Dr. Herrmann Meyer. Decorrido quase um ano de negociações, foi contratado por Meyer como pastor e professor para seu complexo colonial pelo período de cinco anos, a contar de primeiro de setembro de 1902.¹²

O encontro pessoal entre ambos ocorreu em outubro de 1901, do qual Meyer saiu convencido do acerto de sua escolha, pois Faulhaber “deu-me uma impressão extremamente favorável. Ele ainda é jovem, tem 26 anos, vivo, enérgico e prudente”.¹³ Talvez “é idealista demais, mas ao mesmo tempo uma pessoa prática”.¹⁴ Na correspondência encaminhada por Meyer ao administrador da colonizadora em Porto Alegre, apresentou Faulhaber como uma pessoa “prática, com brios e enérgico”, ideal para a sua colônia e com

¹¹ Ver NEUMANN, op. cit., 2016.

¹² Contrato entre Herrmann Meyer e Hermann Faulhaber, assinado em Leipzig, 19/7/1902. Caixa 31, MAHP (Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegemann, Panambi).

¹³ Carta privada. Leipzig, 20/10/1901. Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, Porto Alegre. Pasta cartas - Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, caixa 42, MAHP.

¹⁴ Carta. Leipzig, 24/11/1903. Herrmann Meyer a Alfred Bornmüller, Porto Alegre. Pasta 1 - cartas de Herrmann Meyer a Alfred Bornmüller, caixa 43, MAHP.

os requisitos necessários para a posição que assumiria. Ressaltou que ele era suabo (*Schwabe*) de Württemberg, o que beneficiaria em muito a emigração e, quiçá, obteria apoio financeiro oficial daquele estado.¹⁵

Mas quem era Hermann Faulhaber? Em 1907, ao findar seu contrato de pastor e professor na colônia Neu-Württemberg, ele rascunhou uma pequena autobiografia:

Eu, [Karl] Hermann Faulhaber, nasci em 19 de abril de 1877 em Triensbach, Crailsheim em Württemberg, filho do pastor Hermann Faulhaber e sua esposa Fanny nascida Leiss. Por um curto tempo frequentei um curso preparatório para a escola primária (*Vorschule*) em Stuttgart, e após freqüentar cerca de dois anos a escola primária (*Volkschule*), eu fui aluno do ginásio (*Gymnasium*), que eu terminei no ano de 1895. De 1° de outubro de 1895 até 30 de setembro de 1896 eu servi no regimento de infantaria, do reino da Prússia, n. 125. Então eu estudei Teologia na Turíngia, e realizei ali em março de 1901 o primeiro exame de Teologia. Depois eu fui, por um ano, professor-inspetor em Witzenhausen junto ao Werra (*Regierungsbezirk Cossel*), na *Deutsche Kolonialschule*, e, ao mesmo tempo, administrador do *Evangelischer Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer*. Em agosto de 1902, em Cannstatt, Stuttgart, sob a ordem do Consistório Evangélico de Württemberg, fui ordenado, e desde 1° de setembro de 1902 assumi o cargo de pastor em Neu-Württemberg, por 5 anos. Eu inaugurei em janeiro de 1903 a escola daqui, na qual eu atuei como professor. Era de minha responsabilidade toda a questão pedagógica da escola. Como isso vai ficar agora tem de ser visto com a *Colonizadora*, ou quem vai exercer essa atividade pedagógica. Desde 4 de setembro de 1902, eu estou casado com Marie, nascida Reinhardt, filha do Major-General von Reinhardt de Stuttgart. Eu tenho dois filhos na idade de 2 ½ e 1 ½ anos. Neu-Württemberg, 2 de fevereiro de 1907. Hermann Faulhaber.¹⁶

As funções e os compromissos de Hermann Faulhaber nas colônias Neu-Württemberg e Xingu eram múltiplos e extrapolavam o espaço formal da

¹⁵ Carta de negócios. Leipzig, 29/9/1901. Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, Porto Alegre. Pasta cartas - Herrmann Meyer a Horst Hoffmann, caixa 42, MAHP.

¹⁶ Em outro rascunho avulso constam seus dados genealógicos: Karl Hermann Faulhaber - Pai: Hermann Faulhaber, pastor evangélico, e Fanny Leiss Faulhaber, residentes em Stettin, Alemanha; Marie Faulhaber - Pais: general August von Reinhardt e Emilie Widenmann von Reinhardt, residentes em Cannstatt, em Stuttgart, na Alemanha; Filhos - Maria Sofia Faulhaber (6/8/1903), casada com Erich Schild; Walter Faulhaber (12/8/1905), casado com Gerda Irmgard Gudrun Guse e segundas núpcias com Siegrid Holmquist; Gertrud Faulhaber (1912), casada com Karl Klemm (documentos avulsos. Caixa 52, MAHP). Marie Faulhaber nasceu em 8 de setembro de 1867 em Hohenasperg e faleceu em 11 de abril de 1939 na colônia Neu-Württemberg aos 72 anos, vítima de um ataque do coração. Frequentou a escola secundária para moças em Ulm, Ludwigsburg e Heilbronn, e nos anos de 1884-1886 o *Lehrerinnenseminar* - seminário para professoras - em Stuttgart. Formada professora, trabalhou por um ano na escola particular em Backnang e permaneceu por um ano na parte francesa da Suíça. Posteriormente, por cinco anos foi professora no *Prieserei*, uma escola secundária em Stuttgart, até a páscoa de 1896, quando se transferiu para Tübingen (cf. SCHNEIDER, Corinna. *Bertha Reinhardt (1866-1944)*. Disponível em: <http://www.uni-tuebingen.de/frauentudium>. Acesso em: 24 abr. 2008.)

igreja e da escola. Conforme o contrato, o pastor receberia uma remuneração de 4.500 marcos, pagos a cada quatro meses no escritório da empresa; passagem paga de ida e volta de vapor na segunda classe, direto de Hamburgo ao porto de Rio Grande. Na colônia, foi construída a casa pastoral, previamente aprovada por Faulhaber, contando com quatro quartos, cozinha e varanda. Um dos quartos destinava-se a hóspedes da colonizadora. Ainda, pertenceriam à casa pastoral dois terrenos no *Stadtplatz*, para horta, galpões etc., bem como meia colônia, que poderia tratar com a empresa, mas não deveria distar mais de uma hora de estrada da casa pastoral. As suas despesas, bem como compra e a manutenção dos animais, deveriam ser por sua conta. A empresa iria colocar à sua disposição dois animais de montaria. A escola e igreja seriam mantidas pela colonizadora e, em breve, deveria ser construída uma escola e igreja. Para as viagens a trabalho para Xingu a serem realizadas a cada dois meses e não deveriam durar mais que seis dias, havia uma verba de Rs. 50\$000. Competia-lhe ordenar a vida cotidiana dos colonos, manter “a moral e os bons costumes na colônia” como um representante direto de Meyer, mas sem vínculos com a administração burocrática e a comercialização de terras.¹⁷ Ainda, era mais um canal de comunicação direto entre o colonizador e a colônia, paralelo ao administrativo. Acatando os termos do contrato, Faulhaber comprometeu-se em auxiliar nesse projeto.

O casal Faulhaber chegou a Porto Alegre em 1º de novembro de 1902, seguindo para a colônia Neu-Württemberg no dia 17, celebrando o primeiro culto em 30 de novembro no barracão dos imigrantes. No natal de 1903, Faulhaber escreveu em correspondência a Meyer:

preciso dizer-lhe que minha esposa e eu ainda nos sentimos muito bem aqui, que estamos entusiasmados com o nosso trabalho e que, apesar das muitas dificuldades, olhamos confiantes para o futuro. Queira a nossa querida Neu-Württemberg prosseguir em sua ascensão vigorosa também no ano novo.¹⁸

Na Alemanha, o envio do pastor Faulhaber para o trabalho junto aos alemães no Rio Grande do Sul foi bem recebido, conforme o jornal *Deutsche Post* de Berlim:

O Sr. Faulhaber, enquanto atuou como secretário do *Ev. Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer* e também como professor na *Kolonialschule* de Witzenhausen, já se familiarizou com a situação dos alemães do além-mar e a emigração, assim vai desempenhar sua profissão com essa preparação. No

¹⁷ Contrato entre Herrmann Meyer e Hermann Faulhaber, Leipzig, 19 de julho de 1902. Caixa 31, MAHP.

¹⁸ FAULHABER apud FAUSEL, Erich. *Cinqüentenário de Panambi 1899-1949*. [s. l.]: [s. ed.], 1949, p. 15.

círculo dos simpatizantes da iniciativa das colônias alemãs, o Sr. Faulhaber, com seu realismo, seu sólido caráter pessoal e o seu entusiasmo para o *Deutschtum* no além-mar, se fará notável e será proveitoso. Não só do interesse das colônias do Dr. H. Meyer, mas também e principalmente para a prosperidade cultural do Rio Grande do Sul é de desejar que, nesse posto que irá ocupar na colonização, o homem certo vai estar no lugar certo.¹⁹

A autonomia concedida a Faulhaber e o fato de se tratar de homem de confiança de Meyer na colônia, logo provocou atritos com o gerente-geral da colonizadora, Horst Hoffmann, de Porto Alegre. Na prática, Faulhaber, como pastor, envolveu-se com questões dos colonos, que, teoricamente, não eram da sua responsabilidade, bem como reclamava que o administrador nunca vinha para a colônia. Hoffmann, por sua vez, alegava que o pastor estava se intrometendo demais na administração da colônia, desautorizando-o perante os colonos. Criou-se, então, um triângulo de intrigas entre Hermann Faulhaber, em Neu-Württemberg, Rudolf Scharf, como representante da colonizadora em Cruz Alta e diretor da colônia, e Horst Hoffmann, gerente-geral da empresa, cujo desfecho sempre acabava em Herrmann Meyer, que procurava não se envolver, aconselhando que eles devessem se entender pelo bem do empreendimento. Segundo Hoffmann,

o pastor Faulhaber não é em absoluto um orador de púlpito, isso já é público; e, em geral, parte para a discussão. Eu acho que a sua prédica em Xingu realmente não pode ter nada de escandaloso. Contra o Pastor Faulhaber, eu pessoalmente não tenho a mais simples objeção; mas nos seus relatórios, que são elaborados pela sua inteligente e prudente esposa, trata de muitas coisas além do que lhe compete pessoal e oficialmente. Entre Faulhaber e Scharf existem as maiores diferenças intelectuais. Eu me permito aqui rapidamente recapitular as observações sobre as duas pessoas de nossa administração em Neu-Württemberg apontadas pelo velho Cônsul Schmith. Ele considerou Scharf um funcionário extraordinário, hábil, sensato e que trabalha em prol do interesse da *Empresa*; já o pastor Faulhaber, um homem jovem, inexperiente e confuso, o que vai atrapalhar o deslanchar da colônia, e no campo religioso, tem a sua esposa como a sua mentora fiel.²⁰

¹⁹ Faulhaber. *Deutsche Post*, 1902 - n. 2405. Nota avulsa. Pasta transcrição Livro copiativo 44 - 1901 a 1904, caixa 109, MAHP.

²⁰ Relatório 11-15 - Fim. De 1/6 a 15/8/1903. Horst Hoffmann, Porto Alegre, 20/08/1903, para Herrmann Meyer, Leipzig. Pasta transcrição Livro copiativo 44 - 1901 a 1904, caixa 109, MAHP. Intermediando a relação entre ambos, Meyer aconselhou-os a separarem os interesses gerais envolvidos no desenvolvimento da colônia e as suas diferenças e controvérsias pessoais, não confundindo as duas instâncias e provocando maiores problemas, prejudicando a todos (Carta. Leipzig, 16/5/1903. Herrmann Meyer a Hermann Faulhaber, Elsenau, colônia Neu-Württemberg. Pasta cartas Herrmann Meyer a Hermann Faulhaber, caixa 42, MAHP).

A carta de Hoffmann dá a ver os pontos sensíveis da colônia em formação: o imigrante recém-chegado, os colonos teuto-brasileiros e a empresa. Equilibrar esses interesses, nem sempre convergentes, era o desafio. Ainda, no que se refere à colônia Xingu, evitar atritos com a família de Carlos Dhein, que havia permanecido nas imediações, após o rompimento da sociedade.

Gradualmente, detentor de uma diplomacia própria ou a “didática de lidar com os colonos”, Faulhaber conquistou a confiança dos colonos e tornou-se a pessoa-chave no projeto de colonização. Como pontos de atuação, destaca-se o empenho na formação de uma rede de ensino nas colônias Neu-Württemberg e Xingu, com um currículo próprio, e na organização associativa dos colonos. Como pastor, manteve a assistência religiosa na sede da colônia. Expirado o contrato com a Colonizadora Meyer em 1907, Faulhaber retornou para a Alemanha, viagem retardada para 26 de maio de 1908 em razão de vários contratemplos, permanecendo lá até março de 1909. No momento da partida, na incerteza de um possível retorno, as colônias Neu-Württemberg e Xingu organizaram um abaixo-assinado, enviando-o para Herrmann Meyer solicitando a sua permanência.²¹ Por isso, “com grande alegria foi recebida aqui [Neu-Württemberg e Xingu] a notícia de que o Dr. Meyer lhe atribuiu a função de diretor da Colônia”. Ele aceitou e a partir de então “o desenvolvimento da colônia readquiriu novo ânimo, caminhando a passos acelerados”.²² Por sua vez, Herrmann Meyer, ao apresentar seu novo administrador e diretor em 11 de fevereiro de 1909 justificou a sua escolha:

Com infatigável energia, cumprindo sua função, ele formou uma sólida comunidade religiosa; começou a atender como professor, de forma precária, com várias classes, e ergueu a escola. O desenvolvimento cultural da colônia e do colono era objetivo da administração, que tanto quanto possível fomentou a Biblioteca e promoveu a cultura alemã, e fortaleceu diversas sociedades de utilidade pública. Pela sua solicitude a toda hora e paciente bondade, pelo seu interesse na vida de cada um, ele ganhou para si a simpatia de todos os colonos, eles avistam nele o cuidado de “pai da colônia”. O que em Neu-Württemberg, nesses poucos anos, foi realizado no interior e exterior, e o seu significado para a germanidade em toda a terra e para os emigrantes alemães principalmente, eu devo em primeiro lugar ao Sr. Faulhaber.²³

²¹ Abaixo-assinado de 24 de maio de 1908, assinado pela direção da comunidade evangélica, a sociedade escolar, a sociedade cemitério, cooperativa, sociedade de agricultores, clube de lanceiros e colônia Xingu (*Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, Santa Cruz do Sul, Friedrich Brüggemann, ano 4, 1927).

²² Hermann Faulhaber. *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, Santa Cruz do Sul, Friedrich Brüggemann, ano 4, 1927, p. 73-81.

²³ *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, 1927, p. 77.

Assim, em 1908 Faulhaber abandonou o pastorado e assumiu a administração da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer e a direção da colônia Neu-Württemberg, função que manteve até 1926. A partir de então, passou a residir na casa da direção da empresa, localizada no alto do morro oposto ao “morro da escola”, onde havia residido, mais afastada da sede da colônia, mas com uma vista privilegiada desse espaço, destacando-se em meio a paisagem pela sua imponência. A fase áurea de sua atuação foi como diretor, extrapolando o trabalho e seu nome dos limites da colônia, transformando-se numa referência de administrador bem-sucedido de uma colônia particular, étnica e predominantemente protestante – uma “colônia-modelo”. Ao longo desse período construiu sua própria rede de relações e influência com base na colônia, conquistando a confiança da ala germanista do estado e da elite política de Cruz Alta e Palmeira – como estrangeiro, não participava dos pleitos eleitorais, o que lhe permite barganhar com ambas as facções políticas em prol de seus interesses. Para os observadores de fora, o desenvolvimento do projeto de colonização estava diretamente ligado à personalidade de seu administrador.

O diretor e seu projeto de colonização

Hermann Faulhaber, além de idealista enquanto esteve à frente da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, demonstrou ser empreendedor e ousado, tramando negociatas envolvendo grandes somas de capital, negociando com proprietários, lavradores nacionais, Estado, além de sua inserção nas redes de poder de Cruz Alta e Palmeira. Por esses caminhos, ele transformou Neu-Württemberg numa colônia efetivamente alemã, com os limites delineados e os elementos que ocupavam esse espaço, definidos como os lavradores nacionais remanescentes, foram empurrados para fora dos domínios da colônia. O projeto de colonização passou a ser o “seu projeto”, e Faulhaber, como a primeira pessoa da Colonizadora Meyer a quem cabia as decisões mais importantes, logo, atuava de forma independente. Dessa forma, o diretor da colônia Neu-Württemberg tornou-se o legítimo representante e idealizador desse projeto. Em contrapartida, o proprietário da empresa poucas vezes era lembrado.

As estratégias empregadas por Faulhaber para a compra de terras, com o objetivo de expandir os limites da colônia Neu-Württemberg eram variadas e questionáveis.

Para oferecer aos diligentes colonos terras boas e baratas, o diretor da colônia Sr. Faulhaber implantou um sistema louvável. Faulhaber entrava com o requerimento, em nome dos *brasileiros* residentes em terras devolutas próximas da colônia, junto ao Estado, e o título era expedido em nome dos mesmos. O diretor dava, então, *de presente* a esses indivíduos a metade das terras, pagando todo o processo de legalização bem como as terras junto ao Estado, ficando com a outra metade. A sua parte então era demarcada e vendida aos colonos. Depois, com o consentimento do governo, o diretor Faulhaber constrói estradas e pontes, nas áreas onde lhe são garantidos os títulos de propriedade, já investiu nesses serviços 30 contos.

Pretende o benemérito diretor Faulhaber adquirir essas terras, assim como beneficiar ao *pobre brasileiro que nunca vem a ter um pedaço de terra*.

É de esperar que muitas pessoas condenem a atitude de Faulhaber, mas por outro lado, as pessoas agora estão vendo a valorização de suas terras, graças ao trabalho e os investimentos do diretor. Mesmo assim, fizeram denúncias falsas junto ao governo, que recuou provisoriamente de sua promessa de venda.

Espera-se que o governo reconheça o trabalho do diretor Faulhaber e cumpra com a sua palavra. O chefe da *Comissão de Terras*, Dr. Salgado, viajou para Porto Alegre para dar esclarecimentos sobre o negócio, e se espera que o mesmo continue.²⁴

Essa prática era apresentada por Faulhaber como um benefício, afinal, esses indivíduos não tinham capital suficiente para requerer do Estado a legitimação e a compra das terras que ocupavam há muitos anos. Já a Colonizadora Meyer não recebia terras do Estado, e ao entrar com pedido de compra, o processo demorava muito, quando não era negado. Para driblar a burocracia e garantir a aprovação do requerimento, Faulhaber empregou uma tática simples: assinava um termo de compromisso com os lavradores nacionais e fazia em nome deles o requerimento de legitimação de posse da área que ocupavam, e que tinham direito, e ele entrava com o capital, garantindo o pagamento à vista dessas terras ao Estado. Uma vez recebidos os títulos de legitimação, eram repassados à empresa, quitando, assim, a negociata. Caso o Estado não aprovasse o requerimento, o dinheiro adiantado deveria ser devolvido para a empresa. Nesse sistema, foram raros os lavradores nacionais que permaneceram nas terras, vendendo imediatamente a parte que tinham direito para Faulhaber. Tais compras, em geral pequenas frações de terras, iniciaram em 1912, prolongando-se até 1918.

Na Comissão de Terras de Ijuí, Faulhaber tinha o apoio incondicional do agrimensor Sebastião Salgado atuando como intermediário junto a Carlos

²⁴ O *Ijuhyense*, 21 jun. 1916 - grifo nosso. Caixa 52, MAHP.

Torres Gonçalves, diretor de Terras e Colonização, endossando os requerimentos da colonizadora.²⁵

Quando havia dificuldades para negociação ou, mesmo quando a empresa não contava com capital suficiente, Faulhaber e o guarda-livros Eduard Hempe compravam e escrituravam as terras em seus nomes, vendendo-as posteriormente para a empresa ou direto aos colonos. Os casos de permuta de lotes entre a colonizadora e os proprietários, ou lavradores nacionais vizinhos, eram frequentes, especialmente quando o lote de um “estranho” ao projeto de colonização se situava dentro da área já adquirida pela empresa.

Em nível de colônia, a rede mais produtiva e visível foi estabelecida entre Hermann Faulhaber, primeiro como pastor e depois como diretor, e o professor público Minoly Gomes de Amorim, posteriormente subdelegado, capitão, subintendente e conselheiro municipal, ambos entusiastas pela colonização. Pode ser interpretado como a aliança entre os interesses da colonizadora estrangeira e a colônia étnica alemã, como também entre os interesses da municipalidade de Cruz Alta e o meio nacional, mediados pelos dois maiores expoentes de cada grupo.

Numa carta dirigida a Hermann Faulhaber, em 18 de dezembro de 1910, após a ausência de 11 meses, Minoly Amorim reafirmou o seu entusiasmo diante do progresso visível da colônia. “Novas casas, ruas e indústrias aqui levantaram-se triunfalmente. Parece que um espírito poderoso ergue sempre, impele com gigantesca força para o nobre campo do adiantamento esta venturosa colônia.” Pois, “imagine, meu ilustre amigo, no ano de 1909 só contava esta colônia 5 engenhos a vapor de serrar tábuas; hoje, existem 12, além de vários motores já encomendados e inumeráveis outras oficinas, umas já funcionando e outras projetadas”.²⁶ Pautado no desenvolvimento econômico e a barganha política, em 24 de março de 1916, pelo ato nº 18 do intendente municipal, Neu-Württemberg foi elevada a distrito, formando o 8º distrito de Cruz Alta até então, juntamente com Santa Bárbara, 4º distrito. A instalação ocorreu em abril de 1916 numa solenidade muito concorrida, com a presença de várias autoridades.²⁷ Os discursos de praxe elogiaram o

²⁵ Ofício. Ijuí, 2/2/1915. Sebastião Salgado, comissário especial de terras, ao Dr. Carlos Torres Gonçalves, Diretor de Terras e Colonização. Pasta 2 - cartas e cartões - diversos a diversos, caixa 47, MAHP.

²⁶ Carta. Neu-Württemberg, 18/12/1910. Minoly Gomes de Amorim a Hermann Faulhaber, caixa 62, MAHP.

²⁷ Como distrito de Cruz Alta até 1954, passou a ter subprefeito e subdelegado, cargo esse ocupado, alternadamente, pelos republicanos Minoly Gomes de Amorim (1916-1924 e 1933 a junho de 1938) e Jayme Dumoncel Pithan (1925-1930), ambos representantes do grande latifúndio pecuarista cruz-altense, e o liberal Luiz Martin Hack (1930-1932), de profissão ferreiro, permanecendo nesse período Jayme Dumoncel Pithan como subdelegado. Na legislação de 1924-1927, Minoly assumiu de conselheiro municipal em Cruz Alta,

desenvolvimento da colônia, a contribuição do elemento alemão e a administração exemplar de seu diretor Hermann Faulhaber, em conjunto com a municipalidade.²⁸

Mesmo ocupando uma posição de destaque dentro do projeto de colonização e da germanidade, Hermann Faulhaber atuou de forma discreta e nos bastidores, pois não possuía as qualidades de um grande orador de massas, nem um intelectual que escrevia sobre seu ideário germanista ou o trabalho cultural que estava sendo realizado em Neu-Württemberg. Destacava-se, porém, como articulador de base para a execução desse projeto maior. Quando solicitado, fornecia dados objetivos sobre a colônia e materiais para a divulgação na imprensa. No círculo dos germanistas do Estado, Faulhaber integrava o grupo dos que defendiam, em qualquer circunstância, a integração dos imigrantes alemães e descendentes ao meio nacional brasileiro, utilizando inclusive a língua vernácula, desde que isso não implicasse renúncia da cultura de origem, ou seja, conciliar a nacionalidade alemã com a cidadania brasileira.

No final da década de 1910, pela experiência e pelo renome consolidado, Faulhaber foi convidado para administrar um megaprojeto de colonização no oeste de Santa Catarina, a cargo da Empresa Chapecó-Pepery Ltda., com sede em Carazinho, pois consideravam-no o mais competente e indicado para tal função, cuja credibilidade do nome por si só era capaz de atrair os colonos, compradores em potencial de lotes de terras. Ao se ligar a essa empresa, tinha por objetivo reproduzir em escala maior o projeto de uma colônia exclusivamente para alemães protestantes, ensaiado em Neu-Württemberg, com as devidas correções e adaptações. Como ponto de partida, foi fundada a colônia Porto Feliz (Mondaí) na margem direita do rio Uruguai.²⁹

representando a colônia Neu-Württemberg. Já na legislatura seguinte, 1928-1930, foi eleito representante do distrito o colono Carlos Schafazick, da oposição. Em 1930, como consequência da Revolução de 30, o governo provisório instituído por Getúlio Vargas dissolveu e extinguiu o Conselho Municipal. Em 1935 foi instituída a Câmara de Vereadores e eleitos os seus primeiros representantes. Na legislatura de 1935, elegeu-se o comerciante Leopoldo Hepp. Com o Estado Novo e a dissolução do poder Legislativo, não teve representantes até 1948, quando foram eleitos vereadores Luiz Martin Hack e Carlos Schaffazick, em 1952 assumiram os vereadores Walter Faulhaber, industrialista, e Willy Dietrich, comerciante.

²⁸ *Cruz Alta*, 16 abr. 1916.

²⁹ Em 1916, Bruno Kertscher, um ex-oficial austríaco instalado em Carazinho, tentou comprar a ponta do oeste catarinense. As negociações emperraram pelas muitas indefinições legais, somadas ao problema da Primeira Guerra Mundial. Em 1919, os madeireiros Bruno Kertscher, Gustavo Stangler, Carlos Angst, Germano Flad, Adolfo Stangler e as madeireiras Gomes, Sturm e Cia, Weidlich e Cia. e Kreiser e Cia. fundaram uma empresa em Carazinho, incluindo Hermann Faulhaber como sócio-gerente. O objetivo era colonizar as margens catarinenses do rio Uruguai, desde o rio Chapecó até a fronteira com a Argentina. A firma foi registrada com o nome de Empresa Chapecó-Pepery Ltda., com um capital inicial de R\$ 450:000\$000, junto

A associação de Faulhaber à Empresa Chapecó-Pepery só foi informada ao Dr. Herrmann Meyer quando o empreendimento já estava em pleno andamento. Contribuiu para isso o próprio contexto da I Guerra Mundial, quando a troca de informações entre a colônia e o colonizador foram mínimas. Por outro lado, justo esse cenário de guerra deu total autonomia para Faulhaber agir por conta própria, ampliar a área da colônia com a compra de mais terras. Porém, seu expansionismo territorial e projeto de colonização foi barrado por Meyer, que pretendia encerrar suas atividades de colonização, com a liquidação da área de terras restantes. Esse impasse foi um dos fatores que levou o diretor Faulhaber a investir no oeste catarinense, em detrimento da gleba Erval Seco, de propriedade da Colonizadora Meyer, ainda por colonizar.

O renome e credibilidade do diretor Faulhaber foram centrais para atrair compradores de terras para o empreendimento Porto Feliz. A estratégia de associar e centralizar o escritório das duas colonizadoras na colônia Neu-Württemberg, aproveitando a infra-estrutura existente e os funcionários da Colonizadora Meyer, acabou por confundir os dois empreendimentos, entendidos à época e por parcela da historiografia como prolongamento um do outro. A estabilidade financeira dos colonos de Neu-Württemberg, somada ao excedente populacional, foi favorável ao novo projeto de colonização, pois Faulhaber conseguiu levantar parte do capital junto aos próprios colonos, oferecendo-lhes como garantia um lote colonial em Porto Feliz. Outra parte do capital investido proveio do caixa da Colonizadora Meyer.

à Junta Comercial de Porto Alegre em 11/8/1922. A Empresa Chapecó-Pepery Ltda. comprou suas terras em 12 de dezembro de 1919 na cidade de Curitiba, da *Brazil Development e Colonization Company*, subsidiária da Brazil Railway, com sede no Rio de Janeiro, uma superfície de terra estimada em 20.978 lotes coloniais de 25 ha cada uma, pagando Rs. 15\$835 o hectare, localizados entre os rios Chapecó, Uruguai e Pepery. Todavia, essas terras estavam em litígio e a empresa norte-americana perdeu a área para a Empresa Oeste Catarinense. Assim, em 28 de abril de 1922, no Rio de Janeiro foi assinado novo contrato por meio do qual a Empresa Chapecó-Pepery adquiriu para colonização 13 mil colônias de 25 ha cada uma, situadas entre os rios Pepery, Uruguai e rio das Antas. Com essa mudança, a empresa teve enormes prejuízos, além de receber uma área onde não tinha estradas que a interligasse ao Rio Grande do Sul – a primeira área ficava defronte à cidade de Iraí. A situação melhorou em 1926, quando foi construída a estrada do Prado, ligando Mondai às cidades do Rio Grande do Sul. Em 1926, em razão das dificuldades financeiras, a referida empresa vendeu 2.340 lotes coloniais à *Volksverein*, com o objetivo de ali formar uma colônia teuto-brasileira católica. Assim, em 10 de abril de 1926, sob a direção do padre jesuíta Max von Lassberg foi fundada a sede Porto Novo (hoje Itapiranga e arredores). Com a fundação de uma colônia católica ao lado da protestante, pretendia-se manter em ambas a uniformização no cultivo da língua, fé e escola. A documentação da Empresa Chapecó-Pepery Ltda. encontra-se, em parte, misturada à documentação da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, no MAHP. Outra parcela está no arquivo municipal P. Karl Raminger, em Mondai – SC. Na praça central de Mondai, há uma placa em homenagem “ao diretor Hermann Faulhaber fundador de Porto Feliz – Mondai 20 de maio de 1922”. Cf. NEUMANN, 2016.

Logo, Porto Feliz pode ser considerado um prolongamento da colônia Neu-Württemberg, pois carregou consigo parte dos filhos de seus colonos. Já outra parcela de colonos investiu capital na compra de um lote, sem o compromisso de se estabelecer na colônia, com o intuito de ajudar Faulhaber. Ainda, os dois projetos contavam com Faulhaber como diretor. Porém, em termos de empresa de colonização, não havia qualquer vínculo entre a Colonizadora Meyer e a Empresa Chapecó-Pepery. O estrangulamento financeiro comprometeu a estabilidade das duas empresas em 1926, levando o diretor a abdicar de seu ideal de colonização.

O fim trágico do diretor: *Gemeinnutz geht vor Eigennutz*

Hermann Faulhaber representava bem mais do que um projeto de colonização privada: era o próprio sustentáculo desse projeto e a colônia Neu-Württemberg, a sua obra-modelo mais bem acabada. Em 30 de junho de 1917, na seção alemã do jornal *O Ijuhyense*, o articulista dizia-se feliz por ter conseguido finalmente visitar a colônia particular do Dr. Meyer. O teor da reportagem foi resumido numa linha: “toda Neu-Württemberg sabe que [Hermann] Faulhaber é o homem certo no lugar certo”, reiterando que o diretor da colônia era conhecido e respeitado em todo Estado. Sua administração incansável era digna de imitação, tendo em vista a prosperidade da colônia. Minoly Amorim, então subintendente, considerou-o “pessoa leal, honrada, gentil, muito querido e popular”.³⁰

A morte de Faulhaber representou a perda do próprio referencial da colônia e da colonizadora Meyer. Por ocasião do suicídio em 8 de julho de 1926, artigos, breves biografias e homenagens publicados na imprensa trataram de exaltar o seu trabalho e caráter pessoal, permitindo situá-lo melhor nesse meio colonial.

Em 8 de julho, a notícia da morte repentina do nosso respeitado diretor Hermann Faulhaber, percorreu a colônia, trouxe para todas as casas profunda dor e tristeza. Para cada um era como se fosse uma perda pessoal. Cada um que recebeu a notícia de sua morte sabia o que isso significava para a colônia, pois tudo que Neu-Württemberg era devia-o a ele [...]. Ele era o guia, ele ia adiante com clareza, com espírito objetivo, de olhos abertos, estava preparado, todo confiante, cuja força tanto necessitamos para a solução de muitos problemas. Ele não está mais. Uma cruel fatalidade o arrancou do nosso meio.”³¹

³⁰ *O Ijuhyense*, 30 de junho de 1917, seção alemã. Caixa 52, MAHP.

³¹ Esse artigo lançou uma “versão oficial” sobre o episódio, publicado originalmente nas páginas do informativo da comunidade evangélica da colônia, *Evangel. Gemeindeblatt für Neu-Württemberg*, de autoria do pastor Karl Michel, e reproduzido integral ou parcialmente em vários outros noticiosos (*Evangel. Gemeindeblatt für*

Nesse contexto, a colônia Neu-Württemberg representava a sua “obra-modelo” concluída, ao passo que Porto Feliz, sob sua administração desde 1919, estava no seu primeiro desdobramento, com uma área dez vezes maior do que a primeira, “era para vir a ser uma grande cidade de cultura alemã”, onde ele

colocou toda sua força, e as dificuldades, que desse trabalho inicial e mais tarde vieram de encontro para superar, também custaram a sua saúde, pois trabalhava dia e noite. Suas forças estavam esgotadas, seus nervos arrebatados, sua mente pesava e estava depressivo. Em tais condições, precisou só uma carta, que um sócio lhe escreveu anunciando novos problemas para ele e para o desenrolar da obra, o que foi um duro golpe. Pouco depois de receber essa carta ele pôs fim à sua vida através de um tiro na sua testa. Nos minutos entre a recepção da carta e a sua morte, o que se passou em sua alma nunca será esclarecido. Em honra de todos os outros sócios da Empresa, podemos dizer que eles em todas as questões concordavam com Faulhaber e a sua administração era elogiada por todos.³²

Finalmente, em nome da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, o proprietário Herrmann Meyer emitiu uma nota na imprensa lamentando o sucedido, atribuindo ao seu diretor o mérito do desenvolvimento do complexo colonial e o trabalho cultural ali realizado.

Em 8 de julho do corrente faleceu repentinamente em Elsenau, colônia Neu-Württemberg, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, o diretor da minha Empresa de Colonização, Hermann Faulhaber. Por vinte e quatro anos ele, primeiro como pastor da comunidade evangélica, e desde 1906 [1908] como diretor da colônia, com sua força estruturou a Empresa de Colonização, em sua incansável atividade, sua inteligência para a colonização, para o bem estar dos colonos e a ampliação do ensino. Deve a colônia Neu-Württemberg em primeiro lugar a ele o seu desabrochar. Os colonos pela sua prosperidade, o seu empenho de conhecer a realidade de todos. Milhares de colonos alemães sentem profundamente a sua morte, ele era para eles um verdadeiro e sempre solícito pai e conselheiro. O *Deutschtum* (germanidade) no Brasil perde com ele seu melhor propugnador, seu nome está para sempre gravado no quadro de honra dos pioneiros da cultura alemã. Para minha Empresa, Hermann Faulhaber significa uma perda insubstituível. Com o maior altruísmo, por vinte anos ele retirou a colonização da condição mais precária para a hoje elevada edificação, e o seu trabalho, com idealismo e inteligência, vinha de encontro aos meus esforços para em minhas colônias no sul do Brasil formar um lugar de cultura

Neu-Württemberg., n. 8, ago. 1926, capa, p. 30-32. Caixa 52, MAHP. Reproduzido por Hermann Faulhaber. *Uhles Kalender. Jahrbuch für handel – Industrie – Landwirtschaft Haus und Familie in Brasilien.* São Paulo: A. Otto Uhle, 1927, p. 279-280; Hermann Faulhaber. *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, ano 4, Santa Cruz do Sul: Friedrich Brüggemann, 1927, p. 73-81).

³² *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, 1927, p. 73-75.

alemã, para oferecer ao diligente emigrante alemão uma oportunidade para um desenvolvimento salubre. Eu sinto profundamente a sua morte. Eu serei sempre grato a ele pela sua fidelidade abnegada, guardo dele uma honrosa lembrança.³³

Empenhados em abafar possíveis especulações em torno do suicídio de Faulhaber, seus amigos pessoais, Dr. Ulrich Kuhlmann, vice-cônsul da Alemanha, e Ulrich Löw, proprietário do jornal *Die Serra Post*, ambos de Ijuí, tomaram cada qual as suas providências. Em carta reservada ao cônsul-geral em Porto Alegre, de 10 de julho de 1926, Ulrich Kuhlmann reforçava sua versão dos fatos, justificando que estava muito abalado com o sucedido e que para ele era bem mais difícil falar sobre o fato do que para o cônsul e os demais “senhores do *Deutschtum* porto-alegrense”. Argumentava que geralmente se criava uma sombra em torno de um suicídio, o que, no caso de Faulhaber, não poderia ocorrer. “Faulhaber com certeza era o maior, mais importante e o homem *mais alemão* aqui na serra; de uma pureza e integridade de caráter, de um escrúpulo quase exagerado, como nós não encontramos outros.” Vinculava o desfecho trágico à colonização de Porto Feliz, iniciada há seis anos por capitalistas de Carazinho,³⁴ e onde Faulhaber, com seu “conhecido talento de organização e com seu nome reconhecido em todos os lugares”, assumiu a administração. Depois de muito esforço e trabalho, as primeiras dificuldades em relação ao título de propriedade foram superadas, mas sempre novos obstáculos se colocaram no caminho.³⁵

Ele superou todos [os obstáculos] bem sozinho; os sócios só dificultavam tudo, queriam dinheiro, só estavam interessados em lucrar. Faulhaber, mesmo quase que só, levou a colonização pelo lado dos ideais – trabalhar pelo *Deutschtum*, acomodar os camponeses da *Heimat*, igreja e escola alemã para todos, esta última era sua ‘menina dos olhos’ mais querida.”³⁶

Justamente esse era o ponto de discórdia entre Faulhaber e os demais acionistas, pois entendiam que a colonização implicava apenas a compra, divisão, medição e venda dos lotes, sem refletir nos investimentos de infraestrutura. O interesse predominantemente capitalista dos acionistas divergia

³³ *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, 1927, p. 80-81.

³⁴ A Empresa Chapecó-Pepery Ltda. tinha como sócios: Adolfo Stangler, Gustavo Stangler, Kreiser & Cia., Fr. Weidlich & Cia., Bruno Kertscher, Dr. Otto Schmiedt, Germano [Hermann] Faulhaber, Pedro Garcia de Figueiredo e Antonio Honsiser.

³⁵ Carta. Ijuí, 10/7/1926. Ulrich Kuhlmann ao cônsul-geral da Alemanha, Porto Alegre. Pasta POA 11. Das Politische Archiv des Auswärtigen Amts. Berlin, Alemanha.

³⁶ Carta. Ijuí, 10/7/1926. Ulrich Kuhlmann ao cônsul-geral da Alemanha, Porto Alegre. Pasta POA 11. Das Politische Archiv des Auswärtigen Amts. Berlin, Alemanha.

do ideal germanista de Faulhaber, de construir ali a sua idealizada colônia alemã e protestante. O vice-cônsul apontava também o Dr. Otto Schmiedt como responsável direto por essa situação, visto ter protestado a letra em seu poder, devendo o pagamento ser realizado em três dias, valor que ultrapassava a soma de cem contos de réis, caso contrário, o pagamento seria reclamado na justiça. Esse fato tornou-se público, “a revolta contra o Dr. Schmiedt é geral. Em Neu-Württemberg pessoas queriam linchá-lo caso aparecesse, e eles também chegariam a isso”. Diante dessa situação, “sobre o futuro de todo esse trabalho ninguém sabe. Tudo estava atrelado ao nome de Faulhaber, a confiança de todo público”. Mostrava-se ainda preocupado com a situação da sua família, “que está sem nada, pois Faulhaber nunca entendeu isso de trabalhar para seu próprio bolso, e na própria Empresa Porto Feliz está empregado [o seu pouco capital]”. Concluía dizendo que esses esclarecimentos todos eram necessários para evitar qualquer tipo de especulação ou suspeita.³⁷

A notícia publicada por Ulrich Löw no jornal *Die Serra-Post*, de 13 de julho de 1926, resumiu o episódio numa frase: “Um tiro na testa pôs fim a sua grande vida”. Justificava esse ato extremo em consequência dos problemas que o estavam sufocando e a depressão. Hermann Faulhaber representava “o símbolo do nosso ‘Serra-Deutschtums’, com o qual nós estávamos acostumados, em todos os momentos de incertezas de nossa cultura mostrava o caminho certo”. O articulista ressaltava também que o Diretor Faulhaber “nunca em sua vida trabalhou em benefício próprio ou se preocupou com a questão material, pois trabalhava em prol do progresso dos demais. Assim, pelo que sabemos, possui apenas duas ou três colônias em Neu-Württemberg”. Para complicar mais, havia investido suas economias na Empresa Chapecó-Pepery Ltda., em razão das dificuldades financeiras não havia ressarcido ainda o valor. Assim, “deixa apenas a família, o seu nome e os seus compromissos, que morrem com ele”. Sobre o protesto da letra por parte “daquele sócio” (Dr. Otto Schmiedt), do qual nem o nome citava, interpretou o fato do seguinte modo:

diante de sua alma levanta duas possibilidades: ou paga a letra protestada e cai em ruína moral e financeira; ou beneficia um sócio em prejuízo dos outros, o que o seu caráter e justiça nunca permitiram. Sua alma magoada não teve saída. Suas últimas forças ele tinha gasto nesse empreendimento e não queria levá-lo à falência.³⁸

³⁷ Carta. Ijuí, 10/7/1926. Ulrich Kuhlmann ao cônsul-geral da Alemanha, Porto Alegre. Pasta POA 11, Das Politische Archiv des Auswärtigen Amts. Berlin, Alemanha; Inventariado: Hermann Faulhaber; inventariante: Maria Faulhaber. Entrada do processo: 6/2/1930. Inventário nº 2.263, maço 62, E 61. Cruz Alta. Cartório do Civil e Crime, APERS.

³⁸ *Die Serra-Post*, 13 de julho de 1926. Recorte. Caixa 52, MAHP.

Enfim, o suicídio não deveria macular a boa reputação de Hermann Faulhaber, sacralizando o seu trabalho engajado em defesa do *Deutschtum*, da escola e da igreja. “*Gemeinnutz geht vor Eigennutz*” (o interesse comum vem antes do interesse particular), teria sido o seu *slogan* ao conduzir os trabalhos de colonização.³⁹ Representantes do governo alemão e de outros países, personalidades notórias, homens de ciência, ocupando funções e com interesses distintos, “chegam à colônia [Neu-Württemberg], atraídos pela personalidade e pelo trabalho de Hermann Faulhaber, a cada ano”.⁴⁰ Os dados numéricos também confirmavam a eficiência de sua administração: a área que recebeu para administrar em 1909 praticamente duplicara, com a aquisição de novas propriedades e a divisão em colônias. Em 1926, a colônia Neu-Württemberg era composta por 1.400 lotes coloniais, ocupados por 1.800 famílias, aproximadamente, e calculadas quase 14 mil almas.⁴¹ “Na sede Elsenau está estabelecida uma vida agradável e conta com cerca de 200 casas e casa de negócio”.⁴² O fim da “era Faulhaber” sinalizava para um “antes” e um “depois” no trabalho da colonizadora Meyer.

Considerações finais

Herrmann Faulhaber foi um dos muitos diretores de colônias e de empresas de colonização que atuaram no Brasil meridional nos séculos XIX e XX. Sua trajetória como diretor evidencia seu papel como mediador entre os interesses da empresa de colonização, os colonos e o Estado; também seu perfil empreendedor, sua concepção de modelo de colonização e suas estratégias para implantá-lo; e a tecedura de suas redes sociais.

Já a sua trajetória na emigração enquadra-se no perfil dos emigrantes urbanos, com uma profissão, nesse caso, com formação em nível superior e um contrato já assinado na Alemanha, e talvez o diferencial por não haver o retorno, consolidando-se como uma emigração definitiva. Conforme apontado, Faulhaber, como filho de pastor, e Marie, filha de militar, eram jovens,

³⁹ FAULHABERSTIFTUNG, *Neu-Württemberg. Eine Siedlung Deutscher in Rio Grande do Sul/ Brasilien*. Stuttgart (Alemanha): Ausland-und Heimat Verlags A.-G., 1933.

⁴⁰ As visitas de personalidades brasileiras e alemãs à colônia Neu-Württemberg eram regulares, podendo ser acompanhadas pelo noticiário dos jornais, especialmente quando se tratava de autoridades alemãs, como o ministro alemão Hubert Knipping, em viagem oficial ao estado, em 1925 (*O Commercio*, n. 726, ano VII, p. 3, 29/10/1925), e o almirante Behncke, da marinha alemã, em viagem de 18 meses pelo mundo para conhecer o trabalho dos alemães (*O Commercio*, n. 628, ano VI, p. 4, 12 mar. 1925).

⁴¹ Relatório anual da colonização, 1925. Eduard Hempe. Anexo ao balanço da Empresa de Colonização Dr. Herrmann Meyer, 1925. Caixa 38, MAHP.

⁴² Cf. *Illustrierter Familien-Kalender Siedlungshort*, 1927.

recém-casados, tinham emprego e condições financeiras para permanecer na Alemanha. A opção pela emigração atendia a um ideal de “trabalhar em prol do *Deutschtum*” no exterior e não a uma necessidade de outra ordem. Contudo, também preenchiam o perfil desejável para integrar um projeto de colonização no exterior.

Na colônia Neu-Württemberg, o pastor e professor Faulhaber conquistou a confiança e admiração dos colonos, defendendo os seus interesses. O reconhecimento pelo seu trabalho levou-o a ocupar o cargo de administrador da Colonizadora Meyer e diretor da colônia, o que ampliou o seu campo de atuação, colocando-o em contato direto com o Dr. Herrmann Meyer, as autoridades brasileiras, o consulado da Alemanha no Brasil, os círculos políticos de Cruz Alta e Palmeira, as autoridades municipais, as instâncias educacionais e religiosas, a imprensa, dentre outros. A parceria estabelecida com Minoly Gomes Amorim permitiu acessar as redes sociais e de poder local, além de conquistar um aliado e entusiasta do projeto de colonização, porta-voz das demandas da colônia junto ao governo municipal.

No que se refere ao projeto de colonização, Faulhaber e sua esposa Marie foram os grandes responsáveis pela materialização de um projeto cultural, visando a preservação do ser alemão, construindo uma consistente rede de ensino, oferecendo assistência religiosa e atividades culturais diversas, bem como a organização de uma diversificada biblioteca. Lentamente, Faulhaber interpretou e se apropriou do projeto da Colonizadora Meyer como seu, tornando-se a referência central para o mesmo, enquanto Herrmann Meyer tornava-se um nome distante, desconhecido para a grande maioria dos habitantes do complexo colonial.

Entretanto, a autonomia adquirida por Faulhaber como diretor para gerir o empreendimento além-mar de Meyer, omitindo dados e fatos, tornou-se inviável ao ligar-se à Empresa Chapecó-Pepery, cujo projeto de colonização diferia muito de sua concepção de colônia e colonização. A pressão financeira, o investimento a juros do capital da Colonizadora Meyer e os depósitos dos colonos junto a Empresa Chapecó Pepery, sem o consentimento de Meyer e dos colonos, e a iminência da possibilidade de falência de ambas as empresas decorrente de sua atuação, levaram-o a deixar ambos os projetos e manter a integridade de sua honra e seu nome. A morte do diretor Hermann Faulhaber causou um impacto direto nos complexos coloniais sob sua administração, implicando na interrupção de ambos os projetos de colonização. A Colonizadora Meyer já estava tratando do encerramento de suas atividades, o que foi acelerado; já a Chapecó-Pepery, sem a referência de seu diretor e em

meio a especulações diversas, liquidou as terras em Porto Feliz e vendeu o restante da área para a *Volkverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul* (Sociedade União Popular para os Católicos Alemães do Rio Grande do Sul).

Portanto, conhecer o diretor da colônia, traçar sua trajetória e mapear suas redes sociais, permite problematizar e compreender o desdobramento do próprio projeto de colonização e da colônia, construído e reconstruído nas relações cotidianas, atravessado pelas interpretações e interesses dos sujeitos envolvidos. Em termos de produção historiográfica, ainda é uma temática que merece ser estudada.

Artigo recebido para publicação em 16/05/2018
Artigo aprovado para publicação em 18/10/2018